



O Espaço do *Blog Generación Y* – Definições sobre Liberdade de Expressão e Comunicação em Rede¹

Camila PICCOLO²

Letícia DE LA RUE³

Maíra Bianchini dos SANTOS⁴

Manuela Ilha SILVA⁵

Natália Martins FLORES

Juliana PETERMANN⁶

Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria/RS

Resumo: Este trabalho tem como objetivo realizar um estudo exploratório do blog *Generación Y*, escrito pela cubana Yoani Sánchez, a fim de definir os conceitos base para o projeto de pesquisa “A ação democrática da web: *Generación Y* como um caminho em prol da liberdade de expressão”. Neste blog, a autora utiliza a ferramenta para declarar suas opiniões livremente – um direito restrito em Cuba – e para divulgar informações de relevância jornalística. Com vistas a explorar o objeto de pesquisa e construir um embasamento teórico foram pesquisados o contexto político e social de Cuba, a internet como tecnologia de liberdade de expressão, os blogs e o jornalismo participativo, novo formato com o qual *Generación Y* apresenta aspectos em comum.

Palavras-chave: *blogs*; *Generación Y*; jornalismo participativo; liberdade de expressão.

Introdução

O advento da internet nos últimos anos e a facilidade de acesso às novas tecnologias de informação e comunicação têm possibilitado mudanças significativas no processo de emissão e recepção de mensagens na rede, que, por isso, se apresenta mais democrática em comparação aos tradicionais meios de comunicação de massa. A internet, enquanto suporte que permite a publicação de conteúdos por qualquer usuário, altera o modelo “um-todos” das mídias tradicionais e introduz o modelo “todos-todos”, no qual os consumidores também podem postar produtos próprios.

No entanto, mesmo que a rede se configure como meio democrático de produção e recepção de conteúdos, há comunidades onde existem restrições ao acesso à rede mundial de computadores – impostos por políticas de governo, por exemplo –, nas quais os direitos de liberdade de expressão são reduzidos. Cuba pode ser considerado um

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Júnior, na Divisão Temática Comunicação, Espaço e Cidadania, do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Acadêmica do 7º semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo, e-mail: milapiccolo@yahoo.com.br.

³ Acadêmica do 7º semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo, e-mail: leticia_rue@yahoo.com.br.

⁴ Acadêmica do 7º semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo, e-mail: mairabianchini@gmail.com.

⁵ Acadêmica do 7º semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo, e-mail: misilha@hotmail.com.

⁶ Professora Assistente do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, e-mail: jupetermann@yahoo.com.br.



desses cenários, tendo em vista seu contexto político e social, no qual o *blog Generación Y*⁷, escrito pela filóloga cubana Yoani Sánchez, ganha destaque como iniciativa de divulgação de opiniões referentes à situação do país e que vão contra a corrente predominante.

O projeto de pesquisa “A ação democrática da web: *Generación Y* como um caminho em prol da liberdade de expressão” visa analisar a proposta de Yoani e as estratégias utilizadas pela autora na busca de um dos direitos humanos básicos – o de declarar opiniões livremente. Por representar o ponto de vista de uma cidadã cubana, o *blog* traz relatos do cotidiano neste país: modos de vida e de comportamento. Informações que, possivelmente, não seriam encontradas nos tradicionais veículos e comunicação de massa.

O presente trabalho tem como objetivo realizar um estudo exploratório acerca dos conceitos que são base para que se inicie uma reflexão sobre as tecnologias da comunicação, o direito à liberdade de expressão e formas alternativas de jornalismo. Assim, os pensamentos iniciais que compõem este artigo percorrem a situação política cubana, no que se refere à questão da liberdade da palavra e de imprensa no país; o direito de liberdade de expressão e a internet como tecnologia de suporte para ele; a estrutura dos *blogs* e o novo formato de jornalismo com o qual a ferramenta apresenta pontos em comum, o jornalismo participativo. A partir do estudo, pretende-se construir um lugar para *Generación Y* nessas conceituações, a fim de embasar a análise do *blog*, que será aprofundada em pesquisas futuras.

***Generación Y* e o Contexto Político Cubano**

O *blog Generación Y* foi criado em 2007 por Yoani Sánchez, filóloga cubana que vive em Havana, Cuba. Ele pertence ao portal *Desdecuba.com*, criado por seis cubanos. Em entrevista à Revista Criativa⁸, Yoani comentou que o *blog* teve 4 milhões de acessos no mês de março de 2009, a maioria por cubanos radicados em países como os Estados Unidos. *Generación Y* virou fórum de debates e ganhou notoriedade internacional, devido à quantidade de acessos. Segundo a reportagem da Revista Criativa, um dos *posts*, por exemplo, teve 6 mil comentários. Em maio de 2008, Yoani

⁷ Endereço eletrônico: <http://www.desdecuba.com/generaciony/>.

⁸ Revista Criativa entrevista Yoani. Disponível em: <http://revistacriativa.globo.com/Criativa/0,19125,ETT1684014-5458,00.html>. Acesso em: 5 abr. 2009.



foi indicada pela Revista Time⁹, dos Estados Unidos, como uma das 100 pessoas mais influentes do mundo. No *blog*, Yoani escreve sobre o seu cotidiano em Havana. Utilizando a primeira pessoa do singular, ela descreve o seu dia-a-dia e, por vezes, faz comentários sobre a política de Cuba e aspectos que envolvem o povo cubano. O intuito, segundo ela, não é fazer jornalismo, mas escrever críticas num tom meramente pessoal.

O *blog Generación Y* está inserido num sistema socialista que caracteriza o governo de Cuba desde 1959, quando a Revolução Cubana levou ao poder Fidel Castro. No começo, a revolução se justificava como forma de derrubar o governo de Fulgêncio Batista e teve como pilar central o confronto de guerrilha e o apoio das massas camponesas (Viana, 2006).

Segundo Viana (2006), não se nomeou prontamente o Governo de Fidel Castro como uma experiência socialista. Ainda assim, o autor destaca que o “movimento revolucionário possuía em seu programa aspectos semelhantes que o lançavam para o mundo soviético, como a reforma agrária e a postura antiimperialista” (Viana, 2006).

Com a Revolução Cubana, a ilha começou a sofrer transformações irreversíveis, segundo relata Benitez (1989): “Uma revolução social implica em uma mudança radical nas estruturas da sociedade em que se desenvolve e na transformação, como consequência, das instituições de sua superestrutura, entre as quais inclui a imprensa”.

Assim, a imprensa cubana passou por mudanças e criou-se, ao lado da imprensa burguesa, a imprensa revolucionária, que teve papel fundamental na reestruturação da sociedade cubana. Segundo Benitez (1989), as funções da imprensa revolucionária eram ser propagandista, organizar o coletivo e contribuir para “impulsionar, esclarecer e acelerar as profundas transformações que começavam a acontecer”. Além disso, esta imprensa deveria combater a imprensa burguesa, que continuava em Cuba.

Logo depois, os donos da imprensa burguesa abandonaram Cuba, mas Benitez relata que a luta ideológica não cessou na ilha. Isto apenas fez surgir uma nova fase na imprensa cubana, que teve que se reestruturar, diminuindo o número de veículos em funcionamento – já que todos tinham a mesma ideologia, representavam o povo e era preciso racionalizar recursos, devido ao bloqueio econômico imposto pelos Estados Unidos. Assim, iniciou-se um processo de centralização, em que o controle de toda a

⁹ As Cem Pessoas mais Influentes do Mundo, segundo Revista Time. Disponível em: http://www.time.com/time/specials/2007/article/0,28804,1733748_1733756_1735878,00.html. Acesso em 5 abr. 2009.



mídia cubana ficou sob o controle do Estado. Esses ganharam então a função representar a ideologia revolucionária do governo e estabilizar combatendo a oposição. (HURTADO, 2005). Hurtado (2005) fala que a centralização da imprensa causou grandes críticas ao governo de Cuba, principalmente sobre a liberdade de expressão. “Ao contrário da economia e do turismo – setores que se tornaram mais abertos a partir dos anos 90 – Cuba continuou a manter uma política informativa extremamente controlada” (Hurtado, 2005).

Em relatório de 2006, a Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP) revela que a censura governamental, por meio de propaganda nos meios oficiais e perseguição aos jornalistas independentes, constitui o panorama do jornalismo em Cuba. Segundo o relatório, há “desprezo pelas necessidades de informação da população”.

Na entrevista da Revista Criativa, Yoani fala que a criação do *Generación Y* aconteceu devido a vários sentimentos como insatisfação e frustração e “sobretudo, por constatar que os meios oficiais não refletiam a minha realidade”. Realidade esta que, segundo Prado (2009), começou a se configurar com o bloqueio econômico imposto pelos Estados Unidos à ilha, que entrou em vigor em 1961. O bloqueio foi reafirmado depois da extinção da União Soviética, com novas leis norte-americanas.

Neste artigo não cabe a discussão sobre as medidas norte-americanas que contribuíram para a crise cubana, mas sim considerar como a população de Cuba foi afetada pelo cenário econômico. Segundo Prado, “a queda das importações foi sentida diretamente pela população cubana”. Ainda segundo o autor,

Passaram a faltar produtos essenciais, que eram importados dos países do leste europeu e em relação aos quais Cuba não tinha possibilidades algumas de produzir com seus próprios meios, como os produtos de asseio pessoal (pasta de dente, sabonete, xampu...) e produtos alimentícios, fazendo com que a dieta alimentícia tivesse uma grande retração. (SADER, 2001)

Mesmo com essa realidade de crise salientada por Prado (2009), Corrêa e Lazarim (2008) ressaltam alguns aspectos positivos de Cuba Pós-Revolução, como o acesso da população a ótimos serviços médicos e índices de analfabetismo que chegam quase a 0%, mas acrescentam que “os seus pontos negativos ofuscam os positivos”. Em seguida, listam alguns destes pontos, como repressão política, meios de comunicação controlados pelo Estado, péssima qualidade dos produtos alimentícios e censura à liberdade de expressão. O artigo 53 da Constituição de Cuba revela que:

é reconhecida aos cidadãos a liberdade de palavra e de imprensa, conforme os fins da sociedade socialista. As condições materiais para seu exercício estão garantidas pelo fato de que a imprensa, o rádio, a televisão, o cinema e



outros meios de comunicação de massa são propriedades estatal ou social e não podem ser objeto de qualquer caso de propriedade privada, o que assegura seu uso ao serviço exclusivo do povo trabalhador. (BENITEZ, 1989)

Com a transferência de poder de Fidel Castro a seu irmão Raúl Castro, o jornalismo em Cuba ainda não sofreu grandes transformações. “Continuam ocorrendo atos repressivos contra os comunicadores independentes, maltrato aos jornalistas presos e a mais estrita vigilância governamental para limitar o acesso da população a canais de informação alternativos” (Relatório da SIP, 2006). E, enquanto isso ocorria, “a propaganda oficial atingiu níveis inéditos de exaltação, triunfalismo e censura”. (Relatório da SIP, 2006)

Além de censurar jornalistas independentes na ilha, o governo mantém o uso da internet apenas “a órgãos centrais do Estado, instituições educacionais e culturais e estrangeiros que pagam o serviço em moeda cambiável” (Relatório da SIP, 2006). A população cubana não tem acesso livre à rede. Os que acessam legalmente a internet em Cuba são, normalmente, estrangeiros, jornalistas, diplomatas e pesquisadores, que o fazem mediante uma autorização especial. (Hurtado, 2005) Ainda assim, algumas páginas eletrônicas da rede são bloqueadas pelo governo, com a argumentação de que “causam dano à soberania do país.” (Relatório da SIP, 2006). Contudo, Hurtado cita que isso não impediu que muitas pessoas acessassem ilegalmente a internet. Existe, inclusive, um mercado negro bastante desenvolvido com relação ao acesso à internet.

No último relatório acerca da liberdade de imprensa no mundo realizado pela organização internacional Repórteres sem Fronteiras, do ano de 2008, Cuba ocupa a 169ª posição, em um ranking com 173 países. Segundo o relatório, a liberdade de imprensa é tolhida quando contraria os interesses do governo. Ainda de acordo com o relatório, mais de oitenta agressões e detenções a jornalistas foram contabilizados em 2007. Além disso, o relatório coloca que jornalistas são também presos alegando-se “periculosidade social pré-delito”, ou seja, prendem-se jornalistas como forma de prevenir que se publique algo que contrarie a posição do governo. Conforme o relatório, “essa disposição do Código Penal Cubano, muito usada contra os dissidentes, permite as autoridades detê-los e prendê-los em nome do ‘risco potencial’ que representariam para a sociedade”¹⁰ (2008, pg. 48).

¹⁰ “Esa disposición del Código Penal Cubano, muy usada contra los disidentes, permite a las autoridades detenerles y encarcelarles em nombre del ‘riesgo potencial’ que representarían para la sociedadad” [tradução das autoras]



O documento da organização Repórteres sem Fronteiras relata a dificuldade da internet se desenvolver em Cuba, devido ao embargo norte-americano que impede o acesso da ilha aos cabos da rede. Mesmo assim, o Ministro de Comunicação do país já definiu a internet como ferramenta de extermínio global que precisa ser controlada de maneira que não possa servir a interesses contrarrevolucionários. Uma das armas usadas pelo governo é proibir as conexões à internet. Segundo o relatório, “os internautas acodem cada vez mais aos hotéis turísticos para consultar e-mails ou navegar”¹¹ (2008, pg. 49). No entanto, Yoani revela, em entrevista, que não há nenhuma lei em Cuba que impeça um cubano de colocar opiniões na rede, havendo pressões governamentais para impedir este contato, entre os cubanos e a internet.

A Internet como Tecnologia de Acesso à Liberdade de Expressão

A internet é um espaço aberto, de fácil acesso ao cidadão comum. Assim, ela pode tornar-se o porta-voz daqueles que, por muito tempo, permaneceram calados ou inertes a atuação das mídias tradicionais. Traz Peruzzo (2005) que “o ciberespaço é um novo ambiente para se exercitar a cidadania comunicacional, facilitado pelas possibilidades oferecidas pela interatividade, pelo intertexto e pela comunicação de todos com todos”. Neste sentido, pode-se ver que o cidadão, antes reduzido a receptor passivo, encontra meios de agir, sendo emissor e produtor de mensagens na cadeia de comunicação.

Através do uso da tecnologia, novas maneiras de pensar e de conviver vêm sendo desenvolvidas. Cada vez mais, como lembra Lévy (1993, p. 15), nossa idéia de seres vivos e cognições são mediadas por vias informáticas. Neste novo paradigma, a acessibilidade mudou, as interfaces foram sendo facilitadas e, cada vez mais, a expressão do cidadão comum foi vista nos *media*. Nesta porta aberta, a passividade e a mera recepção deram espaço ao caráter colaborativo e a nova posição dos sujeitos como produtores de notícias. Pool (*apud* LEMOS, 2004, p. 70), traz a idéia de que os *media* eletrônico são “tecnologias da liberdade”, já que “não se pode controlar o conteúdo que se colocam, em questão hierárquica, que proporcionam agregações sociais e que multiplicam o pólo de emissão não centralizada”. Há liberdade para os diferentes discursos através da internet. A internet, ao proporcionar essa mudança no pólo de emissão de mensagens, também “permitiu um novo tipo de fronteiras políticas que

¹¹ “Los internautas acodem cada vez más a los hoteles turísticos para consultar sus emails o navegar”
[tradução das autoras]



podem desviar de políticas interestatais (...) isto produz um tipo específico de ativismo, centrado em múltiplas localidades conectadas digitalmente em escalas maiores que as locais.”¹² (SASSEN, 2006, pg. 338).

A internet, ao ser um espaço que rompe com o processo tradicional de comunicação – o “um-todos” – permite que diferentes atores interajam, num formato todos-todos. Conforme Lindemann e Fonseca (2007),

há que se considerar que a internet rompe com o processo comunicacional vertical, de formato um-todos, até então adotado no jornalismo. As novas tecnologias da comunicação, ao contrário, permitem a relação vertical todos-todos, de domínio público e caráter colaborativo. Pool diz que os novos *media* eletrônicos são tecnologias da liberdade, ou seja, aquelas que ‘não se pode controlar o conteúdo, que colocam em questão hierarquias, que proporciona agregações sociais e que multiplicam o pólo de emissão não-centralizada (LINDEMANN e FONSECA, 2007, p.4)

Essa mudança no pólo de emissão de mensagens permitida pela internet dá chances para a população buscar alcançar o almejado direito à liberdade de expressão, quando ele for inexistente ou tolhido em algum país. Essa atividade dada ao antigo receptor, hoje emissor, já caracteriza a nova idéia de acesso a tal direito, que permite ao cidadão gozar de seu poder de comunicar-se midiaticamente. Aclamado há tempos, e ratificado nos textos legais, tal direitos ainda carece de efetiva prática: em determinadas regiões do mundo, sua garantia legal existe, mas sua aplicação, ainda não.

O direito à liberdade de expressão é tido como um dos direitos mais basilares dentre os direitos fundamentais. Conceituando, para Lenza (2009, p. 672), direitos fundamentais são aqueles que se destinam, de modo indiscriminado, a todos os seres humanos, como o direito à dignidade humana, à liberdade, à igualdade. Já Norberto Bobbio (2002, p.26) classifica os direitos humanos em quatro gerações: os de primeira geração, que se referem às liberdades públicas e aos direitos políticos; os de segunda geração, que dizem respeito aos direitos sociais, culturais e econômicos, ou seja, aqueles direitos de igualdade; os de terceira geração, conhecidos como direitos coletivos e difusos (são, por exemplo, os que se relacionam ao meio ambiente e ao consumidor); e os de quarta geração, que se referem aos avanços da ciência e das tecnologias.

O direito à liberdade de expressão se insere na primeira geração de direitos, e encontra-se previsto em diversas declarações de direito espalhadas pelo mundo. A Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, traz em seu art. XIX que

¹² “The internet has enabled a new type of cross-border politics that can bypass interstate politics. (...) this produces a specific kind of activism, one centered on multiple localities yet connected digitally at scales larger than the local.” [tradução das autoras]



toda pessoa tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e idéias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras. (DECLARAÇÃO, 1948)

No entanto, embora se trate de um direito consagrado em cartas de direito ao redor do mundo, e cada vez mais valorizado, há, conforme colocado acima, locais no mundo nos quais essa liberdade de opinião e manifestação não existe em sua plenitude. Em Cuba, conforme se pode perceber pelo já citado relatório da organização “Repórteres Sem Fronteiras”, a liberdade de expressão ainda é cerceada.

Conforme Bertrand (2002, p.15) “grande parte do mundo ainda se vê privada de liberdade de imprensa ou de uma mídia viável. Nessas regiões, os meios de comunicação estão atrelados a uma clique ditatorial, a empresários mafiosos ou a partidos políticos”. Vemos que Cuba está inserida no primeiro caso. Os meios de comunicação, por não poderem se expressar livremente, fornecem uma informação parcial à população e ao restante do mundo, fato que é prejudicial a qualquer sociedade.

Essa falta de liberdade de expressão presente em algumas localidades do mundo, muitas vezes, faz com que se deixe de noticiar determinados fatos. Ainda segundo Bertrand (2002, p. 19), “ninguém duvida de que os meios de comunicação produzem muito efeito graças ao que *não* dizem. Seu pior pecado é a omissão, já que o leitor/ouvinte/espectador não pode reagir a ela.” Conforme foi constatado no relatório da organização “Repórteres Sem Fronteiras”, a mídia não tem como divulgar diferentes pontos de vistas, e os cidadãos comuns não têm a possibilidade de manifestar suas opiniões por diferentes meios, pois aqueles que se encontram no poder não permitem o acesso a outras mídias pela população¹³.

A fim de encontrar algum modo de poder se manifestar, Yoani Sánchez buscou algum meio alternativo. Afinal, conforme coloca Foucault (1979, p. 77) “se é contra o poder que se luta, então todos aqueles sobre quem o poder se exerce como abuso, todos aqueles que o reconhecem como intolerável, podem começar a luta onde se encontram e a partir de sua atividade (ou passividade) própria”. Yoani Sánchez, ao criar o blog *Generación Y* como canal para falar da realidade cubana de uma ótica da sociedade

¹³ No *post* feito em 23/03/09, a autora do blog conta como é o acesso à internet em Cuba: “Careço de uma conexão à Internet em casa, porém as rosadas lentes escondem de mim que *este serviço seja exclusivo para funcionários e estrangeiros residentes*. Talvez queiram proteger-me das “perversões” da rede, digo a mim mesma, tal e como faria o ridículo Candido de Voltaire. Assim comprovei, por um brevíssimo tempo, ver palácios no lugar de ruínas, líderes que nos levam a vitória quando na realidade nos conduzem ao precipício e homens que se hipnotizam com minha cabeleira, ainda que eu saiba que me seguem para vigiar-me.”



civil, conseguiu, a partir de uma atividade individual sua um modo de mostrar ao mundo sua opinião e a sua maneira de ver a vida diária em Cuba.

Voltando a concepção de internet como uma tecnologia da liberdade, vemos que a forma como Yoani Sánchez encontrou para se manifestar em uma sociedade na qual não há ampla liberdade de expressão foi por meio da web. Assim, atores sociais que querem se expressar e não obtêm sucesso em outras mídias podem, por meio da internet, encontrar uma fonte de visibilidade para que sejam ouvidos. Mais especificamente, dentro da internet, Yoani escolheu os blogs como ferramenta para fazer valer o seu direito à liberdade de expressão.

Intersecções Entre Blogs e Jornalismo Participativo

No contexto da internet como uma tecnologia de liberdade, a facilidade de interação dos usuários com a interface dos *blogs* faz com que eles ganhem destaque como ferramenta de democratização da informação. Os *blogs* surgiram no final da década passada como meios facilitadores de publicação de informações na internet. De acordo com Blood (2000), o termo *weblog* foi cunhado por Jorn Bager, em 1997, e representa a junção das palavras *web* – comumente usada para referenciar a World Wide Web – e *log*, que se refere a um registro de atividades.

A forma reduzida, *blog*, surgiu mais tarde, com a popularização da ferramenta na rede, fato que ocorreu devido à facilidade de manuseio da interface de edição. Alonso e Martinez apud Díaz Noci, Salaverría (2003) definem o termo como

um meio interativo definido por cinco pontos: é um espaço de comunicação pessoal, seus conteúdos abarcam qualquer tipologia e são apresentados com uma marcada estrutura cronológica, o sujeito que os elabora pode usar *links* a outros sítios da web que tem relação com os conteúdos que se desenvolvem e a interatividade aporta um alto valor agregado como elemento dinamizador no processo de comunicação (ALONSO E MARTINEZ apud DÍAZ NOCI, SALAVERRÍA, 2003)

A estrutura cronológica é reversa, ou seja, as atualizações mais recentes são publicadas no topo da página, e as mais antigas, abaixo. Segundo Orihuela (2004), o principal elemento do *blog* é o *post*, nome dado ao texto de qualquer tamanho e conteúdo publicado na página do autor. Além do corpo do texto, o *post* pode contar com título, *links* para materiais já publicados na página ou para sites externos, conteúdo multimídia – como fotos e vídeos – e um espaço para comentários dos leitores, por meio do qual se dá o processo de interatividade mencionado por Alonso e Martinez.



De acordo com Foletto (2007), os *blogs* começaram a ganhar destaque como fonte de informações de relevância jornalística com os atentados terroristas aos Estados Unidos, em 11 de setembro de 2001. A ferramenta, que já era utilizada para relatar acontecimentos presenciados pelos autores, passou a ser um instrumento fundamental na procura de relatos de pessoas que presenciaram os ataques, especialmente em Nova York. Para Recuero (2003), a influência dos *blogs* no jornalismo “se tornou mais clara a partir do início da guerra no Iraque, com o aparecimento na mídia e no ciberespaço dos *warblogs*, *blogs* que têm como foco central a questão da Guerra, sob suas mais diversas formas”. Foletto (2007) afirma que, em pouco tempo, surgiram outros *blogs* com informações de relevância jornalística, e cada vez mais pessoas os procuravam para manter-se atualizadas, o que consolidou a ferramenta “como uma fonte de informação à parte da mídia tradicional” (Foletto, 2007, p. 27).

Mesmo com essa classificação, os *blogs* são questionados enquanto meios de prática jornalística. Para Blood (2004), o elemento crucial para se fazer jornalismo é a verificação dos fatos e das afirmações das fontes.

Lasica (2003) avalia que os *blogs* não estão competindo com o jornalismo profissional, mas sim o complementando. “*Weblogs* não deveriam ser considerados isoladamente, mas como parte de um novo e emergente ecossistema da mídia – uma rede de idéias”¹⁴ (Lasica, 2003). Nessa nova rede de idéias, os blogueiros praticam o que Blood chama de “mídia participativa: moldando, filtrando, comentando, contextualizando e disseminando – interagindo com – as notícias que outros produziram” (Blood, 2004).

No blog *Generación Y*, Yoani Sánchez propõe-se a falar sobre a geração de cubanos que, como ela, foram batizados com nomes que começam com ‘Y’ e nasceram “na Cuba dos anos 70 e 80, marcados pelas escolas rurais, os bonequinhos russos, as saídas ilegais e a frustração”¹⁵. O blog existe há dois anos e é atualizado, em média, a cada dois dias. Em sua maioria, os posts apresentam recursos multimídia, tais como fotos e vídeos, e links para comentários dos leitores.

Ao tratar da realidade social e política de Cuba, Yoani Sánchez usa o meio para publicar relatos de sua experiência no país que incitam o debate entre os leitores e que

¹⁴ “Weblogs should not be considered in isolation but as part of an emerging new media ecosystem-a network of ideas.” [tradução das autoras].

¹⁵ “Nacidos en la Cuba de los años 70s y los 80s, marcados por las escuelas al campo, los muñequitos rusos, las salidas ilegales y la frustración” [tradução das autoras]. Trecho retirado de: <http://www.desdecuba.com/generaciony/>. Acesso em 14 abr. 2009.



complementam as informações acessadas pelo público internacional sobre as condições de vida no país – interessante também para os jornalistas. O *blog*, enquanto produtor de conteúdos com caráter de notícia, é capaz de potencializar uma nova forma de criação de notícias para a rede, o jornalismo participativo.

O webjornalismo participativo¹⁶ - também denominado de jornalismo cidadão, colaborativo e *open source* (de fonte aberta) - surge nesse contexto de mudanças tendo como base a interação entre dois fatores: o estabelecimento da rede mundial de computadores e o advento da web 2.0¹⁷. Essa nova forma de jornalismo preza pela crescente participação do cidadão comum no processo noticioso, o que só está sendo possível devido à intervenção de alguns fatores, como facilidade de acesso à internet, simplificação das interfaces, vulgarização de câmeras digitais e celulares, insatisfação com os meios de comunicação e o trabalho de divulgação noticiosa realizado por eles e herança da imprensa alternativa (Primo e Träsel, 2006).

Conforme Fonseca e Lindemann (2007, p. 05), “a denominação jornalismo participativo na internet remete à idéia de produção e publicação de notícias na rede mundial de computadores a partir de qualquer usuário. Seria, em resumidas palavras, a prática jornalística aberta a todos”. É importante ressaltar que as publicações desse tipo de jornalismo abrangem não só textos escritos, mas também fotografias, áudios e vídeos.

Uma característica marcante do jornalismo participativo é a forte presença da opinião. Segundo Moura (2002), essa nova forma de jornalismo permite que

várias pessoas escrevam (que não apenas os jornalistas) e, sem a castração da imparcialidade, dêem a sua opinião, impedindo assim a proliferação de um pensamento único, como o pode ser aquele difundido pela maioria dos jornais, cuja objectividade e imparcialidade são muitas vezes máscaras de um qualquer ponto de vista que serve interesses mais particulares que apenas o de informar com honestidade e isenção o público que os lê (MOURA, 2002).

Brambilla (2006, p. 94) complementa essa definição ao avaliar que essa mescla de informação e opinião “permite que os cidadãos-repórteres falem de questões próprias, que dizem respeito à realidade deles, relatando fatos em que foram protagonistas ou testemunhas”. O teor de cada um desses gêneros na produção noticiosa do cidadão-repórter é ele mesmo quem decide, já que esse resultado se dará a partir das

¹⁶ Para fins de uniformidade, o termo a ser utilizado neste artigo será jornalismo participativo.

¹⁷ Segundo Primo (2006), a web 2.0 é “a segunda geração de serviços online e caracteriza-se por potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de ampliar os espaços para a interação entre os participantes do processo”.



escolhas que ele fizer em relação a fatores como tema a ser abordado, ao enfoque, às fontes da notícia.

Como citado anteriormente, um dos fatores impulsionadores do jornalismo participativo é a crítica ao jornalismo desenvolvido pelas mídias tradicionais. Primo e Träsel (2006) afirmam que o “webjornalismo participativo não é uma ameaça ao jornalismo tradicional ou ao próprio webjornalismo e sim mais uma opção na oferta de notícias”, uma forma de promover a valorização e a busca por notícias locais. Isso se verifica claramente no *blog Generación Y*, pois os *posts* referem-se a assuntos e fatos não só nacionais, mas principalmente relacionados ao âmbito local em que Yoani Sánchez vive.

A potencialidade de possibilitar que qualquer pessoa seja um repórter é benéfica no sentido de que, segundo Lindemann (2008), estimula “a diversidade, o debate, a pluralização de idéias, a democratização da opinião e a criação de produtos marcadamente locais ou segmentados, conforme o interesse dos participantes.”

Muito se questiona sobre a credibilidade do webjornalismo participativo, já que as notícias são produzidas por cidadãos comuns, que não possuem formação na área de jornalismo. Contrapondo-se a essa visão negativa do jornalismo participativo, Charaudeau (2006) assegura que essa intervenção das pessoas na produção de notícias é positiva para a sociedade no sentido de que permite a formatação de um sistema de comunicação mais harmonioso e de um jornalismo mais democrático.

O conceito de jornalismo participativo não pode ser aplicado em sua totalidade ao *blog Generación Y*. O que o *blog* apresenta, porém, são algumas características desse tipo de jornalismo. A primeira característica é o fato de a autora do *blog* não ser jornalista e produzir conteúdo com caráter de notícia. Pode-se notar uma mescla de informação e opinião nos conteúdos publicados pelo *Generación Y*, o que, conforme já citado, também é uma característica do jornalismo participativo. Além disso, o fato de Yoani escrever sobre assuntos que lhe cercam revelam outro aspecto dessa modalidade de jornalismo: a maior divulgação de assuntos locais e não os de maior abrangência espacial, o que causa - no público leitor - uma sensação de proximidade e de identificação com a notícia que está sendo divulgada.

Considerações Finais



Considerando as ponderações feitas durante o presente trabalho, vê-se a interligação entre elas e sua relação na tentativa de encaixe do *Generación Y* em tais conceitos. Através do contexto de Cuba, nota-se a falta de espaço para práticas de cunho democrático, como a ação livre dos meios de comunicação e caminhos livres para a expressão da população. Em um ambiente onde há pressões que muitas vezes limitam a ação da imprensa, nem sempre os veículos que restam são fidedignos aos anseios da população. Assim, sem mostrar a realidade vivenciada pela população diariamente, tornam-se tais veículos, quais sejam, os que representam as mídias tradicionais – no caso de Cuba, a imprensa oficial – desprestigiados ou sem crédito pela sociedade civil.

Buscando formas de expressar sua realidade, Yoani ousou em criar *Generación Y*. Usufruindo das facilidades em interface e em acessibilidade do internauta para o posto de emissor de mensagens, ela traz, através dos *posts*, a verdadeira realidade cubana. Mesmo driblando as dificuldades de acesso à internet, ela goza das facilidades tecnológicas disponíveis pela web para o feitio de *blogs* e participação em fóruns e grupos de discussão. Esta postura como emissora de mensagens, por sua vez, ratifica a busca do direito à comunicação e a livre expressão.

Sendo pauta de lutas que datam de muitos anos, tais direitos têm garantias legais, como a Declaração Universal dos Direitos do Homem, contudo, sua prática ainda não é efetiva. Nesta busca constante, tal direito teve sua conceituação alargada, abrangendo, também, a questão do acesso ao pólo emissor no contexto comunicacional. Esta nova idéia coaduna com a postura dos *blogs*, de um modo geral, e em especial com a realidade do *Generación Y*, pois este se torna um canal de troca de informações, levando um discurso mais condizente com a realidade cubana para o público.

Assim, a atuação de Yoani assemelha-se com o denominado “Jornalismo Participativo”. O presente trabalho não busca seu encaixe estanque dentro de tal conceito, até porque, em várias características, o *Generación Y* destoa dele. Por exemplo, seus *posts* não possuem caráter jornalístico, já que trazem a opinião da autora de forma explícita. Contudo, eles possuem um *teor* jornalístico, levando informações sobre Cuba para os próprios cubanos e outros públicos que carecem de dados fidedignos da realidade daquele país. Em outros aspectos, todavia, existe proximidade entre o *Generación Y* e a idéia de jornalismo participativo, especialmente em relação a disseminação de informações, a participação de um internauta, o caráter local de seus *posts*, entre outros. Estes fatores são os responsáveis pela tentativa de aproximação da



idéia de jornalismo participativo com o *blog*, e de sua atuação como caminho para a busca da efetivação de direitos à comunicação.

Referências Bibliográficas

ALONSO, Jaime; MARTINEZ, Lourdes. **Medios interactivos: caracterizassem y contenidos**. In: ALIAGA, Ramón Salaverría; NOCI, Javier Díaz. **Manual de Redacción ciberperiodística**. Barcelona: Ariel, 2003. Cap. 6, p. 261-305.

BENITEZ, J. **Jornalismo em Cuba**. São Paulo: Com-arte, 1989.

BERTRAND, Jean-Claude. **O Arsenal da Democracia**. Bauru: EDUSC, 2002.

BLOOD, Rebecca. **A Few Thoughts on Journalism and What Can Blogs Do About It**. 2004. Disponível em: http://www.rebeccablood.net/essays/what_is_journalism.html. Acesso em 08 abr. 2009.

BLOOD, Rebecca. **Weblogs: a history and perspective**. 2000. Disponível em: http://www.rebeccablood.net/essays/weblog_history.html. Acesso em 05 abr. 2009.

BOBBIO, Norberto. **A Era dos Direitos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

BRAMBILLA, Ana Maria. **Jornalismo open source: discussão e prática no OhmyNews International**. 2006. 251 f. Dissertação (Mestrado em Pós-graduação em Comunicação e Informação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2006.

BRASIL. **Legislação de Direito Internacional**. São Paulo: Saraiva, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CORREA, I. e LAZARIM, P. **Limites da democracia**. Disponível em : http://www.revistacontemporaneos.com.br/pdfs/limites_da_democracia.pdf. Acesso em: 05 abr. 2009

FOLETTTO, Leonardo. **Os Weblogs Como Elementos Propulsores do Alargamento do Campo Jornalístico**. 52p. Monografia de Graduação – Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria. 2007.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

LASICA, J. D. **Blog and Journalism Need Each Other**. 2003. Disponível em: <http://www.jdlasica.com/articles/nieman.html>. Acesso em 08 abr. 2009.

LENZA, Pedro. **Direito constitucional esquematizado** – 13ª edição. São Paulo: Saraiva, 2009.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

LINDEMANN, Cristiane. **O perfil da notícia no webjornalismo participativo: uma análise do canal vc repórter, do Portal Terra**. 2008. 121 f. Dissertação (Mestrado em Pós-graduação em Comunicação e Informação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.



LINDEMANN, Cristiane ; FONSECA, Virginia P. S. **Webjornalismo participativo: repensando algumas questões técnicas e teóricas.** Revista FAMECOS, v. 34, p. 86-94, 2007.

MOURA, Catarina. **O jornalismo na era Slashdot.** 2002. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/moura-catarina-jornalismo-slashdot.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2009.

ORIHUELA, José Luis. **Weblogs: el medio y el mensaje.** Nuestro Tiempo (Pamplona), nº 601-602, julio-agosto 2004, p. 48-53.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Direito à Comunicação Comunitária, Participação Popular e Cidadania.** In: Semiosfera – Revista de Comunicação e Cultura da UFRJ. Ano 5, nº 8. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

PRADO, C. **A morte e a ressurreição de Cuba.** Disponível em: <http://www2.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/segundogepal/CARLOS%20BATISTA%20PRADO.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2009.

PRIMO, Alex . **O aspecto relacional das interações na Web 2.0.** E-Compós (Brasília), v. 9, p. 1-21, 2007.

PRIMO, A.; TRÄSEL, Marcelo Ruschel. **Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias.** In: VIII Congresso Latino-americano de Pesquisadores da Comunicação, 2006, São Leopoldo. Anais, 2006.

RECUERO, Raquel da C. **Weblogs, Webrings e Comunidades Virtuais.** Artigo apresentado no VI Seminário Internacional de Comunicação, GT de Comunicação e Cultura (setembro de 2002). Disponível em: <http://pontomidia.com.br/raquel/webrings.pdf>. Acesso em 07 abr. 2009.

Reporteros sin fronteras – por la libertad de prensa. **Informe Anual 2008.** Disponível em: http://www.rsf.org/IMG/pdf/rapport_es-2.pdf. Acesso em 18 de abril de 2009.

SADER, E. **Cuba: um socialismo em construção.** Petrópolis: Vozes, 2001.

TRÄSEL, Marcelo. **O papel do webjornalismo participativo.** Anais SBPJor 2006. Porto Alegre, 2006.

VIANA, M., XAVIER, P. **O Processo Revolucionário Cubano e suas Singularidades.** Disponível em: www.amerindia.ufc.br/pdf2/mario.pdf. Acesso em: 05 abr. 2009.

58ª Assembléia geral da SIP. **Relatório Cuba 2003.** Disponível em: http://www.sipiapa.org/portugues/pulications/informe_cuba2002_peru.cfm. Acesso em: 18 abr. 2009.

62ª Assembléia geral da SIP. **Relatório Cuba 2007.** Disponível em: <http://www.sipiapa.org/portugues/pulications/informecuba2006o.cfm>. Acesso em: 18 abr. 2009.

HURTADO, C. S. Meios de comunicação em Cuba: problemas e soluções em tempos de crise. In: **Revista Espaço Acadêmico.** Nº 50. 2005. Ano V. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/050/50churtado.htm>